

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

SOCIOLOGIA E IDEOLOGIA: UM CONFLITO DO CAMPO SOCIOLÓGICO NO ESPAÇO ESCOLAR

Talita Cristine Rugeri¹

Resumo: A sociologia passa por uma nova fase desde sua implementação legal dentro da educação básica em todas as escolas do Brasil em 2008. A sua entrada traz questões, compreensões, projeções e análises sobre seu ensino; qual a relação de sua entrada na educação básica, formação de professores, papel das universidades entre outras questões; como a temática abordada nesse artigo sobre a relação do sociólogo em sala de aula e a ideologia no ensino de sociologia.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Educação. Ideologia.

O sociólogo e a sala de aula.

O ofício do sociólogo, as características da realização da pesquisa sociológica, a influência desses pensamentos e construções da sociologia da educação e na educação são questões que surgem desde a entrada da sociologia na educação básica em 2008 em todo território nacional.

Um ponto também que pode ser analisado é quando o sociólogo se torna professor. A partir do diálogo com François Dubet (1997), podemos observar os desafios, dificuldades e perspectivas nessa relação. Tentando analisar as relações ideológicas e suas demais vertentes; a ideologia na educação é um fator visível na escola, principalmente entre professores e alunos.

A sociologia é uma ciência particular e suas operações da prática devem ter a vigilância do conhecimento, reforçando que essa vigilância não remete a neutralidade; o pesquisador deve ser vigilante ao seu trabalho científico e que a pesquisa requer um rigor pedagógico. O sociólogo precisa criar essa “vigilância epistemológica” para diferenciar o conhecimento comum do conhecimento científico.

Na segunda parte do texto “A construção do objeto” de Bourdieu (2010), o autor faz um diálogo entre os métodos de Marx, Weber e Saussure. Afirma que as pesquisas científicas organizam-se em torno de objetos já construídos que não estão isolados em unidades e que a epistemologia empirista permite as ciências se confrontarem. A dificuldade de construir um objeto não levando em consideração os objetos antes pré-construídos é quase impossível de ser evitado. Sendo que a ruptura pode gerar uma sociologia espontânea.

O poder de resistir à ideologia dentro do mundo das pesquisas só pode ser construído devido a uma problemática teórica em confronto com realidade em si e a que será formulada.

¹ Mestre em Sociologia da Educação pela PUCPR, graduada em Licenciatura em Sociologia, professora pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná.

Abandonar a teoria que une é tornar os dados em estado de poeira, e dar um novo sentido. A sociologia seria menos vulnerável se os fatos não falassem, como atribui Poincaré citado por Bourdieu, quando pretendemos analisar e construir dados devemos cuidar com o risco de substituir ou falsear o objeto da sociologia espontânea do cientista e da sociologia espontânea do objeto.

Ainda há mais: o sociólogo que recusa a construção controlada e consciente de seu distanciamento ao real e de sua ação sobre o real pode não só impor aos sujeitos determinadas questões que não fazem parte da experiência deles e deixar de formular as questões suscitadas por tal experiência, mais ainda formular-lhes, com toda ingenuidade, as questões que ele próprio se formula a respeito deles, por uma confusão positivista entre as questões que se colocam objetivamente aos sujeitos e as questões que eles se formulam de forma consciente. Portanto, o sociólogo terá de fazer uma difícil escolha quando, desencaminhando por uma falsa filosofia da objetividade, vier a tentar anular-se como sociólogo. (BOURDIEU, 2010, p. 51).

Em relação a hipóteses ou pressupostos, se o sociólogo recusar a hipóteses poderá ter o problema entre sociologia espontânea e ideologia, quanto maior a utilização de instrumentos para a prática sociológica, com teorias melhor a relação dos fatos.

Deve-se observar qual método de análise será mais adequado a relações quantificáveis, não ignorando as diferenças de valor dos sujeitos e objetos, e que a intenção metodológica não é de nos limitarmos, mas de poder criar uma análise estrutural possibilitando ver verdades retidas, razões inversas, procedimentos diferentes.

Quando o sociólogo esta em sala de aula, seu objeto de trabalho é o aluno, a escola e suas relações internas e externas. No ensino médio são alunos adolescentes numa sociedade moderna em constante mudança tecnológica que afetam as relações políticas, econômicas, culturais e sócias, e como cita Sarandy (2004) cabe ao professor de sociologia promover o contato do aluno com essas realidades, com o olhar sociológico.

Os *habitus* estabelecidos no *campo* escolar, pelo professor, pelos alunos e demais atores, mas principalmente entre professor e aluno, na sociologia são mediados pelo conteúdo estruturante, e posteriormente pela ação pedagógica. O *habitus* é construído desde a formação do professor; e nas ciências sociais pode ser ideologizado através da linguagem e do discurso.

O método é algo inseparável na ação pedagógica, e será apresentado e posicionado, se seguido de maneira doutrinária ou dogmática causara o grande conflito entre ciência e senso comum. As vertentes teóricas na sociologia se pensadas dogmaticamente, reproduzem efeito de verdade única, de única visão de mundo que impossibilita percepção e contato com demais idéias, concepções e teorias, portanto sendo ideológica.

O indivíduo é dotado de conceitos adquiridos e também de ideologias, que constroem signos, simbologias, dando sentido às relações empíricas. Na educação se não houver uma vigilância epistemológica e metodológica, criam conotações de verdade, de única verdade em todas as disciplinas, mas principalmente na sociologia.

A respeito do dogmatismo e do criticismo-historicismo nas escolas elementar e média, deve-se observar que a nova pedagogia quis destruir o dogmatismo precisamente no campo da instrução, da aprendizagem de noções concretas, isto é, precisamente no campo em que um certo dogmatismo é praticamente imprescindível, somente podendo ser reabsorvido e dissolvido no inteiro ciclo do curso escolar (é impossível ensinar gramática histórica na escola primária e no ginásio); mas ela é obrigada a ver introduzido o dogmatismo por excelência, posteriormente, no campo do pensamento religioso e a ver a descrita, implicitamente, toda a história da filosofia como uma sucessão de loucuras e de delírios. No ensino de filosofia, o novo curso pedagógico (pelo menos para aqueles alunos, a esmagadora maioria, que não recebem ajuda intelectual fora da escola, na família ou no ambiente familiar, e devem-se formar tão-somente com as indicações que recebem nas aulas) empobrece o ensino, rebaixando-lhe praticamente ao nível, ainda que racionalmente pareça belíssimo, de um belíssimo utopismo. (GRAMSCI. 1991. P 138).

Quando os professores de sociologia buscarem conhecimentos novos que proporcionem um ensino real da disciplina, com a abrangência de teorias e conceitos que a sociologia proporciona o aluno poderá criar e escolher a sua própria vertente e visão de mundo.

2338

O problema da verdade é fácil porque há muitas verdades, nenhuma melhor do que a outra, e cada uma permanecendo fiel somente dentro da estrutura de uma ideologia. A desigualdade das ideologias na sua prática de fixar a realidade social, no seu acesso à mudança para sedimentar estruturas objetivas, deve refutar-se da maneira mais simples – proclamando a sua igualdade intelectual. E então o sociólogo poderá laboriosamente conformar-se com os critérios positivos de exame da verdade (“retidão da teorização”), ao mesmo tempo que ignora senso comum-rotina, em cuja formulação várias ideologias (existentes e concebíveis) desempenham um papel altamente desigual. (BAUMAN, 1977. P 162.)

O PIBID possibilita essa relação da desconstrução ideológica e o ensino, pois o contato com a escola desde o processo da graduação permite ao aluno conhecer o espaço escolar, mesmo que em processo de formação e automaticamente de posicionamento ideológico, epistemológico e metodológico; a escola possibilita perceber a diferença da construção do conhecimento científico e um conhecimento ideológico.

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 301 p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro – 13ª edição. Bertrand Brasil, 2010. 322 p.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício do sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 340 p.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução** : elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982. 238 p.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: Universidade Estadual Paulista - Campus Marília, 1997. 204 p.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.